**Revista Latino-Americana de História**
Vol. 3, nº. 11 – Setembro de 2014
© by PPGH-UNISINOS

# A trajetória de dois imigrantes italianos no Brasil Meridional (1878-1900)

Maíra Ines Vendrame*

**Resumo**: Este trabalho tem por objetivo apresentar a trajetória de dois imigrantes italianos que se estabeleceram na Colônia Silveira Martins, localizada na região central do Estado do Rio Grande do Sul. Um deles era o camponês Paulo Bortoluzzi, fundador da comunidade do Vale Vêneto, outro foi o padre italiano Antônio Sório. Destacarei o papel das redes sociais no processo de transferência para o Brasil e a acomodação nos locais de destino. As escolhas realizadas por ambos os imigrantes para conquistar prestígio, poder político local e construir o patriomônio material serão aqui analisadas.
**Palavras-chave:** Imigração italiana. Trajetória. Redes sociais

**Abstract:** This work aims to present the trajectory of two Italian immigrants who settled in Silveira Martins Colony, located in the Rio Grande do Sul. One the peasant was called Paulo Bortoluzzi, founder of the Vale Vêneto community; the other one was the Italian priest called Antonio Sório. I will emphasize the role of social networks in proceeding transfer to Brazil and accommodation at places of destination. I will be analyzed the choices made by both immigrants to gain prestige, local political power and building tangible heritage.
**Keywords**: Italian Immigration. Trajectory. Social networks

## Introdução

A transferência definitiva para o sul do Brasil, nas últimas décadas do século XIX, deu início, em algumas províncias do norte da península itálica, a uma ampla mobilização por parte de famílias camponesas. Dois imigrantes italianos que partiram da Itália nesse período tinham por objetivo se instalar em um núcleo colonial localizado na região central do Rio Grande do Sul. Primeiramente, apresentarei a trajetória do camponês Paulo Bortoluzzi antes de abandonar a pátria de origem. As iniciativas tomadas por Bortoluzzi e os indivíduos que o seguiram demonstram que, pelo menos naquele momento inicial da *Grande emigração* para a América, saíram aqueles que possuíam algum recurso financeiro.

* Doutora em História PUC-RS. Bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior (PNPD/CAPES). Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria.

Na comuna de partida formaram-se grupos de italianos compostos por pequenos proprietários e arrendatários, que venderam seus bens para investir na viagem e adquirir novas terras do outro lado do Atlântico. Por isso, não podem ser descritos como camponeses "miseráveis" ou destituídos de qualquer recurso econômico. Além disso, a escolha pela emigração não é consequência da expulsão dos *contadini* das terras cultivadas nas comunidades rurais. Pelo contrário, o que se percebeu foi a existência de certa autonomia nas iniciativas tomadas por parte dos próprios camponeses em relação ao abandono das terras, a venda dos bens, a preparação da viagem e, por fim, a partida definitiva da comuna.

O camponês como sujeito ativo que agia segundo lógicas próprias de ação passou a ganhar destaque em pesquisas recentes. Na época da Grande Emigração, as populações do campo perseguiram objetivos para garantir o sucesso das opções, analisadas como estratégias migratórias dentro de uma ideia de autonomia e reprodução de características culturais próprias (RAMELLA, 2003). Ao optarem pelo caminho da emigração, as famílias camponesas estavam se projetando para uma multiplicidade de oportunidades em terras distantes. Muitos homens e mulheres, antes de imigrar para a América, já tinham vivenciado experiências pretéritas de deslocamento temporário para além das fronteiras regionais, em busca de serviços para complementar as econômias domésticas. Em algumas áreas da península itálica, a emigração temporária aparece como um componente estrutural do modo de vida da sociedade camponesa, não significando apenas uma fuga da pobreza ou sintoma de dificuldades conjunturais, mas sim um fator essencial para garantir a reprodução social do grupo (LEVI, 1989: BEVILACQUA, 2001). Assim, acompanhar experiências individuais e familiares ajuda a compreender como foi o processo migratório, quais eram as expectativas em relação ao lugar de destino, permitindo, além disso, acessar o universo sócio-cultural em que outros emigrantes fizeram suas escolhas.

## 1. Um camponês "ambiososo"

Em 1877, da *comuna* de Piavon – Província de Treviso –, o camponês Paulo Bortoluzzi e outros reuniram mais de duzentas pessoas, entre parentes e amigos das localidades vizinhas, para imigrar para o Brasil meridional. O grupo era constituído por pequenos proprietários e arrendatários que dispunham de certo patrimônio material, vendendo, antes de partir, os bens que possuíam. A família Bortoluzzi contou com o apoio de indivíduos de prestígio – sacerdote e secretário comunal – de Piavon. Isso propiciou que,

antecipadamente, os emigrantes estabelecessem contato com o diretor da agência de navegação em Gênova para obter informações sobre as vantagens e garantias oferecidas às famílias que optavam pela transferência para o outro lado do Atlântico (VENDRAME, 2013).

A transferência para o além-mar passava pela busca de informações seguras e garantias sobre os benefícios a serem encontrados nos lugares de destino. Em alguns casos, era uma escolha planejada, calculada e articulada por indivíduos e grupos tempos antes da viagem. Assim, ao optarem pelo caminho da imigração para a América, procuravam desfazer-se dos bens, abandonavam os contratos de arrendamento e cultivo dos campos.

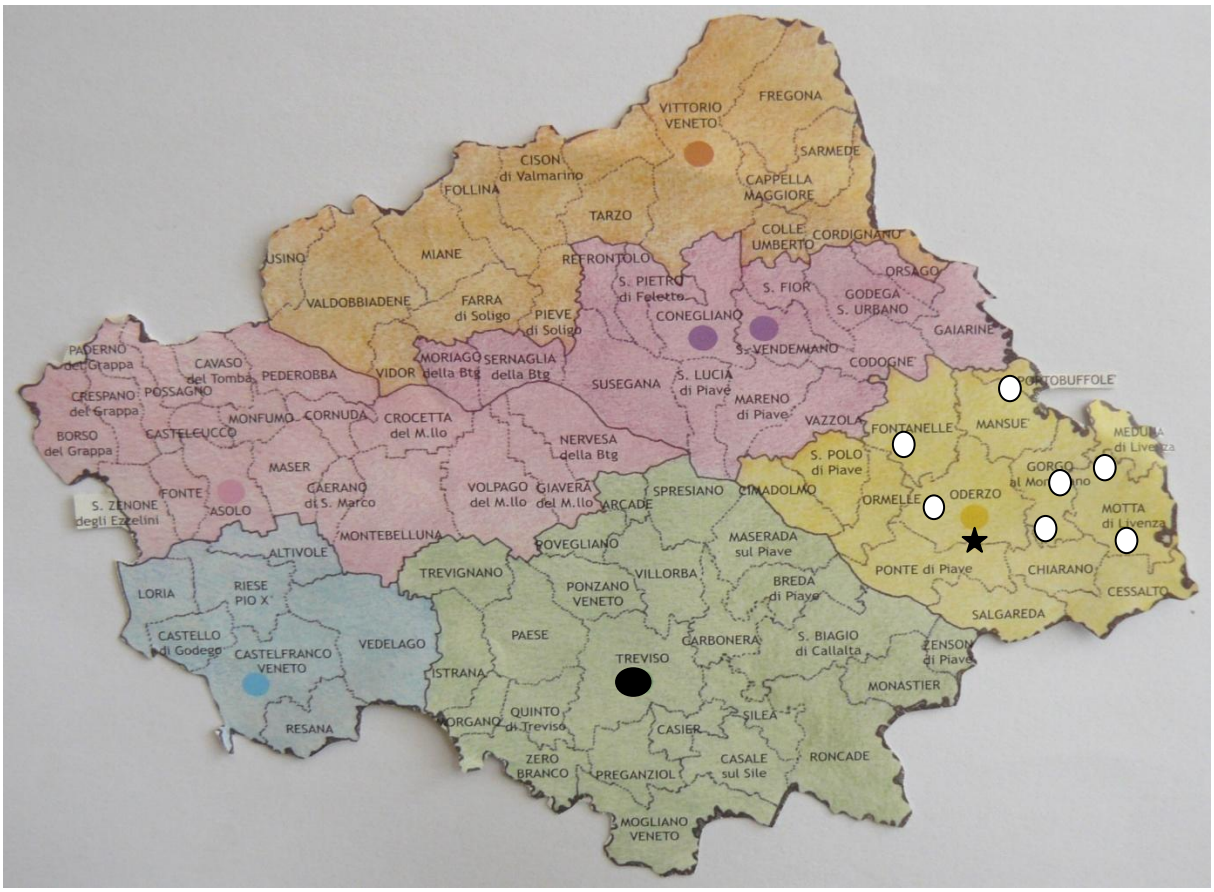
Na tentativa de garantir o sucesso do deslocamento, alguns chefes de famílias passaram a se comunicar através de cartas com conhecidos distantes para obter informações seguras. Desse modo, um dos fatores que fomentou a imigração foi o estabelecimento de um circuito de troca de correspondência, que conectava os indivíduos que já haviam partido com aqueles que desejavam partir.[1] As notícias sobre as vantagens a serem encontradas na América também eram divulgadas por indivíduos que circulavam pelos povoados rurais da região do Vêneto. Esses propagadores eram simples camponeses ou padres, pessoas de confiança da população do campo, que, muitas vezes, acabaram por acompanhar os grupos por eles alistados para emigrar. A adesão ao movimento era propiciada pela campanha dos agentes de emigração que circulavam pelas comunidades rurais do Vêneto, juntamente com outros apoiadores que residiam nos lugares. Em 1877, após intensa propaganda realizada nas províncias de Veneza, Vicenza e Treviso, grupos de famílias camponesas, lideradas por um ou mais indivíduos, passaram a articular a própria transferência para o além-mar.

Divulgando a ideia da emigração, também passavam pelas comunidades "músicos ambulantes que vão gritando as maravilhas da distante América".[2] Especificamente nos dias de *mercato*,[3] realizados duas ou três vezes por semana, os agentes de emigração noticiavam sobre as oportunidades oferecidas aos camponeses nas terras distantes. No *mercato*, os propagandistas distribuíam panfletos, respondiam dúvidas, ofereciam garantias e orientavam as famílias sobre a maneira como deviam se organizar para partir. Assim, se formaram amplos

[1] A circulação de cartas foi amplamente utilizada pelas famílias que se encontravam em ambos os lados lado do Atlântico. Era um recurso eficaz para obter informações, saudar, convidar e notificar os parentes sobre as vantagens encontradas nos núcleos coloniais (VENDRAME, 2013).
[2] "Emigração". Jornal *Gazzetta di Treviso*, 4 dezembro de 1876, Biblioteca Universitária de Padova (BUPD).
[3] *Mercato* eram feiras semanais que ocorriam no cento das comunas. Ali eram comercializados alimentos, utensílios, tecidos e objetos diversos. Equivale às feiras de rua no Brasil.

grupos de famílias, pertencentes a várias comunas vizinhas no território trevisano, que em determinado momento partiram com destino ao porto de Gênova.

**1. Província de Treviso e a divisão em comunas (municípios).**




Destaca-se a cidade de Treviso (ponto petro), a capital da província. Da comunidade de Piavon (estrela negra), localizada no distrito de Oderzo, e de algumas comunas limítrofes (pontos claros), partiram várias famílias que se uniram ao grupo de Paulo Bortoluzzi. No início de 1878 chegaram ao Rio Grande do Sul e fundaram Vale Vêneto.
Fonte: http://www.provincia.treviso.it/Engine/RAServePG.php/P/487610010316/T/Pianta-Geografica

O jornal *Gazzetta di Treviso*, em dezembro de 1877, comunicava que na estação ferroviária da cidade se encontravam "200 iludidos provenientes de Ponte de Piave, Motta di Livenza e Oderzo" com o objetivo de abandonar a pátria.[4] Durante todo aquele ano, um número bem maior de emigrantes teria deixado outras comunas vizinhas. Somente de Piavon haviam saído 134 emigrantes; de Motta mais 94; de Oderzo 57; e de Gorgo mais 42

[4] "Emigrantes". Jornal *Gazzetta di Treviso*, 24 dezembro de 1876, BUPD.

indivíduos.[5] Dentre esses, um dos grupos familiares mais numerosos era formado pelos parentes do camponês Paulo Bortoluzzi. No mapa abaixo, pode-se visualizar a localização das comunas mencionadas. A proximidade geográfica entre elas indica ter existido uma articulação entre as famílias aparentadas e aliadas para a viagem à América.

Os encontros semanais nas feiras propiciavam a troca de informações entre a população. Enquanto espaço de sociabilidade, os bares e cafés também eram ambientes de divulgação de ideias. Os agenciadores, com apoio dos donos das casas de negócio, podiam recolher os nomes dos que desejassem emigrar, passavam avisos sobre as datas das partidas dos vapores, forneciam instruções e coletavam taxas que deviam cobrir os custos de transporte dos integrantes do grupo. Foi neste contexto que Paulo Bortoluzzi e os irmãos amadureceram a ideia de se transferir para o Brasil.

Na comuna de Piavon, o referido italiano contou com o apoio do capelão Giovanni Solerti. Este foi descrito como um "sacerdote fanático" por ser um incentivador da emigração.[6] Bortoluzzi, católico atuante na vida paroquial, fazia parte da ordem dos terciários franciscanos, bem como outros indivíduos que estavam prestes a emigrar com ele. A adesão à emigração em Piavon e comunas vizinhas foi explicada como fruto da existência de uma "corrente de excitação" religiosa promovida pelos indivíduos pertencentes à ordem dos terciários franciscanos. Isso porque muitos dos que haviam partido para o Brasil, com a intenção de fundar uma nova comunidade, faziam parte da ordem religiosa.[7] Paulo Bortoluzzi, seus parentes e outros pequenos proprietários foram considerados um grupo de "fanáticos", "ambiciosos" e "ignorantes" e não miseráveis ou desocupados.[8] Independentemente de ter sido definida como uma emigração motivada por questões religiosas, acredito que foi o desejo de adquirir maiores dimensões de terras, garantir equilíbrio nas famílias (entre o número de pessoas e área cultivada) e construir um sólido patrimônio material que motivou a partida. No entanto, a isso se somava a esperança de poder viver as práticas e crenças religiosas nas terras distantes, através da fundação de novas comunidades onde teriam liberdade para externar sua cultura.

[5] Resposta do conde Luigi Revedin, Questionário do *Ateneo di Treviso*, 3 fevereiro 1878, Pasta 13, fascículo 2, Arquivo Comunal de Treviso – ACTV.
[6] Relação final do *Ateneo de Treviso*, de Luige Bailo, 1878, Pasta 13, fascículo 2, Arquivo Comunal de Treviso (ACTV).
[7] Relação final do *Ateneo de Treviso* de Luiz Bailo, 1878, Pasta 13, fascículo 2. ACTV.
[8] Resposta do conte Luiz Revedin, Questionário do *Ateneo di Treviso*, 3 fevereiro 1878; Relação final do *Ateneo de Treviso*, Luiz Bailo, 1878, Pasta 13, fascículo 2, ACTV.

Por ser conhecida sua ideia de querer se tornar "chefe de uma colônia no Brasil", Bortoluzzi foi descrito como "fanático", na opinião do senador Luiz Revedin.[9] Além de ser uma necessidade material, a emigração da província de Treviso foi descrita como uma espécie de "fanatismo e de doença contagiosa". Esse entendimento se devia ao grande número de emigrantes que partiram e à rapidez com que vendiam as terras e demais posses a baixos preços. O camponês Paulo Bortoluzzi havia saído com mais de 12.000 liras em papel moeda, valor esse significativo na opinião do senador.[10] Em outubro de 1877, Paulo e os irmãos, Luiz e Francisco, além de outros membros da família, compareceram na mansão do conde Luiz Bonamico, *sindaco* de Piavon, para negociar as terras. Foram vendidos dezesseis mil, cento e setenta (16.170) metros quadrados ao conde Bonamico, que compreendiam terras de cultivo e áreas arborizadas. Em outro contrato de venda foram transferidos vinte e nove mil, cento e oitenta (29.180) metros quadrados de terras com tipologia igual à anterior, compreendendo também uma casa colonial. Parte da dívida deveria ser quitada no decorrer de seis anos e as prestações conferidas ao pároco de Piavon, uma vez que em breve o grupo parental partiria para o sul do Brasil (CASARIN, 1990). Com a venda das terras, os irmãos Bortoluzzi dispunham do valor imediato de 5.800 liras que, provavelmente, foi investido na viagem e, posteriormente, na compra dos novos lotes de terra nos núcleos coloniais brasileiros.

Os grupos de emigrantes que partiram da região do Vêneto, a exemplo daquele coordenado por Paulo Bortoluzzi, devem ser estudados levando-se em conta um quadro de estratégias parentais e redes de apoio local complexas. As opções adotadas por uma família funcionavam como um estímulo para as demais. O grupo familiar que acompanhava Bortoluzzi era composto por um total de trinta pessoas, além de outros parentes, vizinhos e conhecidos das comunas próximas de Piavon, formando um agregado de duzentos indivíduos.[11] Após chegarem à Colônia Silveira Martins, em 1878, fundaram uma pequena comunidade que, inicialmente, chamou-se Vale dos Bortoluzzi e depois Vale Vêneto. Em seguida, instituíram uma associação devocional para cultuar a São Francisco de Assis, construindo uma pequena capela em que foi colocada a imagem do santo trazida da Província de Treviso.[12]

[9] Resposta de Luiz Revedin, 1878, Pasta 13, fascículo 2, ACTV.
[10] Resposta de Luiz Revedin, 1878, Pasta 13, fascículo 2, ACTV.
[11] Resposta de Luiz Revedin, 1878, Pasta 13, fascículo 2, ACTV.
[12] A pequena estátua de madeira de São Francisco de Assis se encontra no Museu de Vale Vêneto.

**2. Casa e terras de cultivo pertencentes à família Bortoluzzi, Piavon.**

Terras que eram cultivadas pelos membros da família Bortoluzzi, situadas próximas ao sobrado (prédio no centro da foto) onde Paulo Bortoluzzi residia com a esposa, os filhos, os dois irmãos casados, o pai, o tio Antônio e os primos casados. No ano de 1877, antes de emigrarem, viviam ali seis casais e mais os filhos pequenos.
**Fonte**: Fotografia pertencente ao arquivo particular do professor Ulderico Bernardi, Treviso, Itália.

O imigrante Paulo Bortoluzzi adquiriu diversos lotes coloniais, abrindo ao mesmo tempo uma casa de negócio e um moinho no centro do recém-fundado povoado. Posteriormente, vendeu pequenas dimensões de terras aos padres para que, assim, pudessem se estabelecer no lugar. Também realizou empréstimos financeiros aos sacerdotes.[13] A fim de garantir a independência e progresso do povoado, concedeu casa para a instalação das irmãs do Sagrado Coração de Maria, em 1892 (BONFADA, 1989, p. 60-61).

Para além dessas iniciativas que visavam promover o progresso e a autonomia do povoado, constatou-se a presença de Paulo Bortoluzzi também no mercado da terra na região colonial. Especificamente na função de mediador, apareceu intermediando as transações de compra e venda que eram realizadas entre os imigrantes e os proprietários luso-brasileiros.[14]

[13] Escritura de venda realizada por Paulo Bortoluzzi aos padres, 21 de outubro de 1886. Caixa 3, Missão Brasileira, Arquivo Histórico Nossa Senhora Conquistadora (AHNSC), Santa Maria.
[14] Edoardo Grendi (1993) e Giovanni Levi (1985) se dedicaram a observar a relação entre família, comunidade e o mundo exterior, identificando certos indivíduos como "pontes" de integração e contato entre tais unidades. Os

Entre os anos de 1893 e 1901, Bortoluzzi compareceu oitenta vezes como procurador nos acordos comerciais de venda de terras aos italianos.[15] Tais participações possibilitam indagar sobre as relações entre o comerciante e a população colonial, a estruturação das redes de fregueses e a maneira como as famílias camponesas foram se expandindo por outras áreas além daquela destinada à colonização europeia.

A participação no mercado da terra surgia como uma das alternativas para os novos imigrantes que chegavam e queriam estabelecer residência próxima aos parentes. Frente à crescente demanda por terras para a produção agrícola, os proprietários luso-brasileiros que possuíam amplas extensões de campos e matos, em espaço próximo à região colonial, visualizaram na venda uma atividade lucrativa. Um desses proprietários era Manoel Py, comerciante residente em Porto Alegre que passou procuração de autorização de venda de suas terras ao italiano Paulo Bortoluzzi. [16] Este começou a comercializar lotes aos imigrantes que residiam em Vale Vêneto, Ribeirão Aquiles e Silveira Martins, vendendo um total de quarenta lotes a partir da divisão das terras de Manoel Py (CERETTA, 19--, p. 5-6).

Desse modo, ao desempenhar a função de procurador na comercialização de terras às famílias de imigrantes, Bortoluzzi foi ampliando as próprias redes de relações econômicas na região. Considero o desempenho do comerciante como inovador na questão da mediação entre os imigrantes e os proprietários luso-brasileiros. Uma das características das transações mediadas por Bortoluzzi foi à venda de lotes de terra contíguas para indivíduos que pertenciam ao mesmo agregado parental. [17] Essa prática comum entre as famílias, ao mesmo tempo em que beneficiava indivíduos ligados por laços de sangue, permitiu que o comerciante ampliasse a influência entre os conterrâneos da região colonial. Especialmente porque, ao adquirirem lotes de terra através dessa mediação, os imigrantes se tornavam seus devedores, ficando obrigados a entregar o excedente da produção na casa de comércio daquele, em desconto da dívida.

O funcionamento de um sistema de crédito favorecia os agricultores a ampliar as dimensões cultivadas ou fundar novas unidades de produção. Através dessa dinâmica, Paulo Bortoluzzi mantinha as famílias ligadas à sua casa comercial, uma vez que as mesmas

mediadores eram aqueles sujeitos que controlavam os recursos compostos de relações sociais e canais de comunicação entre as realidades social, cultural, econômica e administrativa (LEVI, 1985, 209-210).

[15] Transmissões/notas: Cachoeira do Sul (5º Distrito), 1º tabelionato, livro 2, 3, 15 (1893-1901); Santa Maria (4º distrito), livro 1 (25-01-1895 a 22-10-1898), Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS).

[16] Transmissões/notas: Cachoeira do Sul (5º Distrito), 1º tabelionato, livro 2, 1893-1895, p. 40, APERS.

[17] Na relação de transações pode-se verificar a frequência com que lotes limítrofes eram vendidos a irmãos (VENDRAME, 2013, p. 133-134).

ficavam obrigadas a conferir a ele o excedente da produção agrícola como forma de saldar a dívida contraída. Ao prestar assistência em forma de crédito, desencadeou uma série de trocas econômicas, deixando as famílias camponesas na sua dependência. Na função de procurador, Bortoluzzi estava empenhado em fortalecer suas bases de apoio e aumentar a rede clientelar, muito embora também visasse criar reciprocidades com os conterrâneos.[18] Desse modo, ao assumir o papel de mediador no comércio de terras entre os imigrantes e os proprietários luso-brasileiros, facilitou o acesso expandindo a área ocupada por italianos na região da Colônia Silveira Martins.

## 2. O padre Antônio Sório nos dois lados do Atlântico

Assim que se estabeleceu em núcleo colonial no Brasil meridional, o imigrante Paulo Bortoluzzi procurou levar a cabo o plano pessoal e familiar de fundar uma comunidade autônoma que contasse com a presença de sacerdotes residentes. Em concordância com outros conterrâneos, financiaram a viagem de retorno de alguém conhecido para o norte da Itália a fim de contatar padres que aceitassem se transferir para o Rio Grande do Sul. Como consequência disso, em 1881, o povoado do Vale Vêneto passou a contar com a presença de um sacerdote italiano: Antônio Sório. Este era o quinto e último filho de uma família camponesa que tirava o sustento do trabalho coletivo em terras arrendadas na Província de Verona, norte da Itália. Como filho mais moço, foi encaminhado à carreira eclesiástica. Assim, em 1866, contando com vinte dois anos, Sório recebera a ordenação sacerdotal.[19]

Com a morte do pai e dos dois irmãos mais velhos, o jovem sacerdote solicitou às autoridades diocesanas para trabalhar na paróquia de Zévio, local esse onde residiam os familiares – a mãe, outras mulheres e os sobrinhos órfãos. Durante alguns anos, sob a direção de Tereza Zenari, viúva de Francisco Sório, o grupo sobreviveu com os "suados frutos extraídos de posses arrendadas".[20] Sório, então, acabou por conseguir uma transferência provisória mediante licença das autoridades diocesanas da província de Belluno. Assim, durante três anos, Sório se manteve na paróquia natal prestando assistência à família. Após o falecimento da mãe, nos primeiros meses de 1877, Sório solicitou permissão à diocese para tornar-se missionário na África. Certamente não teve o pedido atendido, pois não encontrei

[18] Transmissões/notas: Santa Maria (4º distrito), livro 2, p. 3; Cachoeira do Sul (5º distrito), livro 11, p. 51, 96, APERS.
[19] Pasta padre Antônio Sório, Arquivo da Cúria Diocesana de Belluno (ACDBL), Itália.
[20] [20] Pasta padre Antônio Sório, ACDBL.

registros da partida para o continente africano. Ao invés disso, aceitou o convite de um conterrâneo para imigrar para o Brasil para trabalhar numa comunidade recém-fundada por italianos.

Em agosto de 1881, Sório recebeu do bispo de *Belluno* permissão de afastamento a fim de se transferir para o outro lado do Altântico.[21] Ao abandonar a península, deve ter se comprometido com as irmãs de verificar a existência de campo de trabalho e oportunidades para os sobrinhos órfãos. Entendo que a escolha pelo caminho da emigração não era apenas um projeto individual, antes era pensada em família ou em grupo de parentes, visando o bem-estar daqueles que estavam ligados por laços consanguíneos e de afinidade. No entanto, como uma política de investimentos familiar, podia ser iniciada por um único sujeito, que emigrava antes dos outros a fim de analisar as oportunidades. Isso foi o que ocorreu com a família Sório: primeiramente, partiu Antônio Sório, sendo seguido, posteriormente, pelos quatro sobrinhos.

Em janeiro de 1900, dezenove anos depois de ter chegado ao sul do Brasil, o pároco possuía diversos lotes de terras na colônia Silveira Martins. O relativo sucesso das iniciativas econômicas pode ser conferido na totalidade de bens distribuídos aos sobrinhos em testamento e inventário.[22] Sório possuía quatro lotes de terra distribuídos na zona rural e urbana da paróquia, além de um prédio recém-edificado onde funcionava uma escola pública.[23] Analisando o patrimônio presente no inventário foram surgindo questionamentos sobre a relação entre as redes de apoio, solidariedade e os investimentos econômicos do padre na região colonial. A quantidade de bens acumulados durante dezenove anos sugere a existência de um desempenho que, para além do campo religioso, estava voltado para o melhoramento da condição econômica do grupo familiar. Por outro lado, a existência de dívidas indica a presença de redes de relações consolidadas, redes nas quais circulavam empréstimos em dinheiro. Então, surge uma das principais indagações a respeito desse indivíduo: quais foram as estratégias acionadas por Sório para conciliar a atividade de pároco com aquelas de imigrante que ambicionava construir um patrimônio material para garantir à segurança do grupo familiar?

[21] Decreto definitivo de afastamento da diocese de Belluno, 26 de agosto de 1881. Pasta padre Antônio Sório, ACDBL.
[22] Antônio Sório faleceu em 3 de janeiro de 1900.
[23] Testamento de Antônio Sório e inventário. Provedoria de Santa Maria, nº 116, maço 3, ano 1900, APERS.

Para responder essa questão, na sequência destacarei o desempenho de Antônio Sório na sociedade colonial. Através da documentação batismal foi possível apreender as redes de compadrio construídas pelo padre.[24] A reconstrução das redes que ligam indivíduos e grupos tem se mostrado instrumento valiosíssimo para analisar a ação social e o tecido de relações interpessoais nas quais as pessoas se encontravam imersas. O comparecimento de Antônio Sório como padrinho foi constante durante o período em que se manteve na condição de pároco em Silveira Martins. Foram trinta e sete batizados como padrinho direto, variando a madrinha e notando-se a presença de uma das sobrinhas (Mariana Sório) por oito oportunidades. Ao aumentar o número de afilhados, o padre foi estendendo os laços de afinidade com outras famílias.

A expansão das redes relacionais através do apadrinhamento parece ter se mostrado um tipo de atitude presente durante todo o período em que Sório conduziu a paróquia de Silveira Martins. O grupo de afilhados e compadres do pároco compunha uma ampla teia de ligações interpessoais que, apesar de possuir conexões de intensidades variadas, podiam ser ativadas em momentos específicos da vida cotidiana como recursos para garantir proeminência local. A atuação de Sório pode ser identificada como um mecanismo para manter o controle sobre a vida social e zelar pelo sucesso das iniciativas privadas na comunidade. O estabelecimento de laços de afinidades entre os conterrâneos de certa forma contribuiu para que Sório conduzisse uma política centralista na paróquia.

Os laços constituídos na pia batismal foram responsáveis por estabelecer uma rede parental que não se restringia apenas àquelas pessoas com quem se mantinha vínculos de sangue. A criação desse tipo de afinidade permitia a formação de novas alianças, bem como reforçava as existentes, que passavam a estar sujeitas a várias formas de controle e censuras entre as pessoas que compunham tais configurações (VENÂNCIO, 2009, p. 246-47). Nesse sentido, posso sugerir que a conquista e manutenção do prestígio social e político de Antônio Sório estava estritamente ligada a pia batismal. Ao aceitar ser padrinho, assumia publicamente o papel de "pai espiritual" do recém-nascido, conferindo, nesse momento, uma posição ao afilhado, deixando a família desse ligada a compromissos de respeito e gratidão. Esse tipo de vínculo possibilitava trocas e benefícios mútuos (XAVIER; HESPANHA, 1993).

[24] Para a análise do compadrio, criei um banco de dados a partir das informações extraídas dos livros de batismo da paróquia de Silveira Martins e do Vale Vêneto, entre os anos de 1884 e 1905. Arquivo diocesano de Santa Maria (ADSM).

Os laços de parentesco fictício propiciaram a formação de uma complexa rede de alianças entre os padrinhos que podiam assumir funções sociais, como a de garantir vantagens ou privilégios no campo econômico. Desse modo, Antônio Sório teve acesso a recursos financeiros entre os imigrantes da região colonial, aparecendo também no mercado da terra como procurador, além de comprador e vendedor.[25] Tudo isso graças ao prestígio que havia conquistado entre as famílias da paróquia e redes de afinidades nas quais se encontrava inserido. A reconstrução das interdependências dos imigrantes a Sório se deu por meio do levantamento e cruzamento dos dados encontrados em fontes cartoriais e paroquiais. Além disso, buscou-se, em fontes de origem diversa, o maior número possível de informações sobre o desempenho do pároco na comunidade.

Na região colonial, Antônio Sório também assumiu a função de agente consular. Além de orientar os conterrâneos em questões religiosas, utilizava o momento da realização das prédicas no púlpito da igreja para esclarecer a população sobre as possibilidades de retorno para a terra natal. Informava sobre os auxílios que o Estado italiano oferecia aos imigrantes que pretendiam fazer a viagem de volta para a península itálica.[26] Como autoridade que representava a pátria de origem, fora convocado para se deslocar a uma comunidade, acompanhado das forças policiais, a fim de solucionar conflitos entre grupos de oposição local (VENDRAME, 2007, p. 77-80).

Os agentes consulares eram indivíduos que possuíam status e prestígio, propiciando a ligação entre o consulado, responsável por um amplo território, e as famílias camponesas residentes nos afastados núcleos de colonização do Estado do Rio grande do Sul (Cacioli *apud* IOTTI, 2010, p. 93). No centro da paróquia de Silveira Martins, Sório patrocinou a abertura de uma "escola pública", assistida pelos recursos do governo italiano, no qual a sobrinha Mariana atuava como professora.[27] Como agente consular, também assumiu papel importante entre os conterrâneos que lhe depositavam confiança na venda de bens e resgate de dinheiro nos bancos e consulado na capital Porto Alegre.[28]

Enquanto pároco da sede, empenhou-se na construção da igreja matriz, apoiou a edificação de diversas capelas, conduzindo uma política centralista em relação aos diversos

[25] Transmissões/notas, Santa Maria (4º distrito), Livro 1 (25-01-1895 a 22-10-1898), p. 127, 157, 158; livro 2 (04-11-1898 a 27-09-1900), Livro 4 (1904-1907); Transmissões/notas, Cachoeira do Sul, (5º Distrito), livro 8 (1897- 1898), p. 31, 33; Livro 10, 11 (1898- 1899), APERS.
[26] Carta de Antônio Basso, abril de 1889, Silveira Martins (RIGHI, 2001, p. 455, 470).
[27] O edifício onde funcionava uma "aula pública" foi deixado em herança à sobrinha. Testamento de Antônio Sório, Provedoria de Santa Maria, nº 116, maço 3, ano 1900, APERS.
[28] Procurações. Santa Maria (4º distrito). Livro 01, 02.11.1896 – 07.03.1901, APERS.

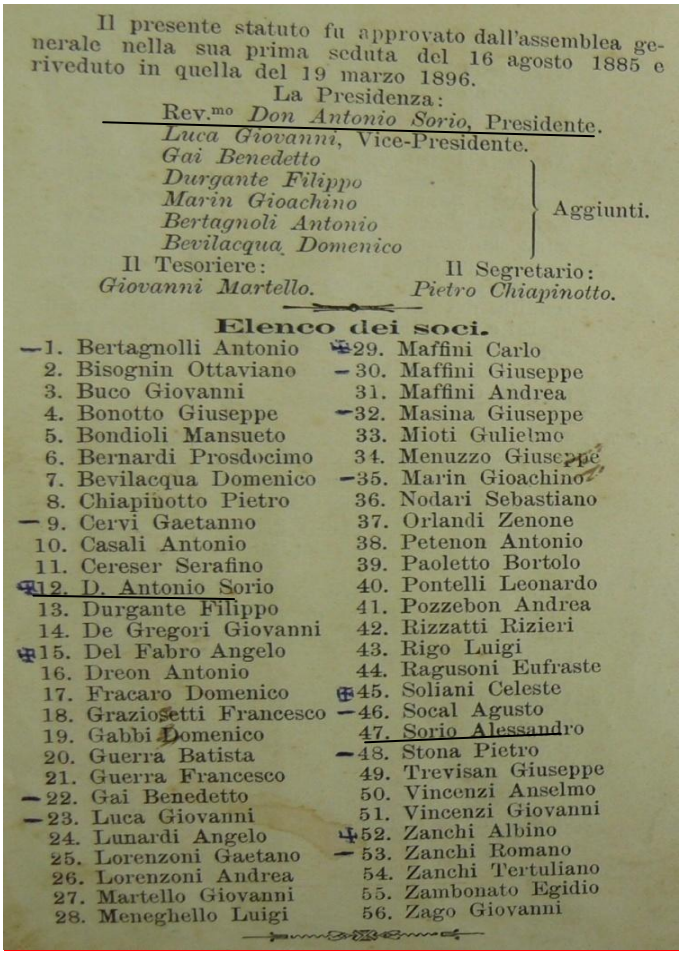
povoados dependentes. Essas iniciativas garantiram a agregação em torno da freguesia de Silveira Martins e, consequentemente, viabilizaram a construção do território da localidade, com seus símbolos e vínculos. Para Ângelo Torre (2011, p. 211, 383-390), a localidade, enquanto resultado de um processo de produção do lugar, corresponde às exigências de dar voz pública às instâncias associativas de indivíduos, grupos de parentes e aliados. Assim, o espaço do sagrado, dos rituais comunitários e outros ambientes de privilégios eram recursos utilizados para garantir a legitimidade sobre o território frente a grupos externos concorrentes.

Somado as iniciativas já referidas, Sório surge também como fundador de uma sociedade de operários chamada "Umberto I", oficialmente instituída em 1885 na comunidade de Silveira Martins, tendo como objetivo promover a assistência entre os sócios. Tornou-se presidente da associação, assumindo o cargo de "caixeiro" da mesma (ver imagem n. 3).[29] Isso demonstra que suas atividades não se restringiram apenas aos assuntos relacionados à administração religiosa da paróquia. Desse modo, Sório foi se firmando enquanto autoridade de prestígio reconhecido entre os conterrâneos.

Nas regiões coloniais, as sociedades de mútuo socorro, na maioria das vezes, recebiam o nome de algum herói que havia participado da Unificação da Itália e membros da família real. E, como tantas outras, a sociedade dos operários "Umberto I" de Silveira Martins também era responsável por promover festividades e comemorações em datas nacionais, cultuar a memória dos heróis e integrantes da Casa Real italiana. Apesar da referida associação não estar ligada a questões sócio-religiosas, foi a paróquia que forneceu as bases para a criação da mesma. Porém, o contrário também podia ocorrer, e, nessa situação, seriam as associações laicas a fornecer as bases de sustentação para o surgimento de uma paróquia (GRENDI, 1993). Em ambos os espaços era praticada a ação política individual e familiar, eram reforçadas as redes interpessoais, estabelecidas as interações, as trocas de apoios e, por fim, as afinidades percebidas pelos atores sociais.

[29] *Statuto Dell'associaziane di Mutuo Soccorso fra gli operai italiani di Silveira Martins*, 1897 – 1899. Caixa Silveira Martins, Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma (CPG-NP).

**3. Relação dos sócios da Sociedade de Mútuo Socorro de Silveira Martins, 1896.**



Il presente statuto fu approvato dall'assemblea generale nella sua prima seduta del 16 agosto 1885 e riveduto in quella del 19 marzo 1896.

La Presidenza:

Rev.mo *Don Antonio Sorio*, Presidente.
*Luca Giovanni*, Vice-Presidente.
*Gai Benedetto*
*Durgante Filippo*
*Marin Gioachino*
*Bertagnoli Antonio*
*Bevilacqua Domenico*
} Aggiunti.

Il Tesoriere: *Giovanni Martello.*
Il Segretario: *Pietro Chiapinotto.*

**Elenco dei soci.**

1. Bertagnolli Antonio
2. Bisognin Ottaviano
3. Buco Giovanni
4. Bonotto Giuseppe
5. Bondioli Mansueto
6. Bernardi Prosdocimo
7. Bevilacqua Domenico
8. Chiapinotto Pietro
9. Cervi Gaetanno
10. Casali Antonio
11. Cereser Serafino
12. D. Antonio Sorio
13. Durgante Filippo
14. De Gregori Giovanni
15. Del Fabro Angelo
16. Dreon Antonio
17. Fracaro Domenico
18. Graziosetti Francesco
19. Gabbi Domenico
20. Guerra Batista
21. Guerra Francesco
22. Gai Benedetto
23. Luca Giovanni
24. Lunardi Angelo
25. Lorenzoni Gaetano
26. Lorenzoni Andrea
27. Martello Giovanni
28. Meneghello Luigi
29. Maffini Carlo
30. Maffini Giuseppe
31. Maffini Andrea
32. Masina Giuseppe
33. Mioti Gulielmo
34. Menuzzo Giuseppe
35. Marin Gioachino
36. Nodari Sebastiano
37. Orlandi Zenone
38. Petenon Antonio
39. Paoletto Bortolo
40. Pontelli Leonardo
41. Pozzebon Andrea
42. Rizzatti Rizieri
43. Rigo Luigi
44. Ragusoni Eufraste
45. Soliani Celeste
46. Socal Agusto
47. Sorio Alessandro
48. Stona Pietro
49. Trevisan Giuseppe
50. Vincenzi Anselmo
51. Vincenzi Giovanni
52. Zanchi Albino
53. Zanchi Romano
54. Zanchi Tertuliano
55. Zambonato Egidio
56. Zago Giovanni

**Fonte**: Caixa Silveira Martins, CPG-NP.

Entre os sócios, percebe-se a presença de uma expressiva base parental que pode ser verificada pelos sobrenomes dos membros, bem como através de vínculos não perceptíveis, no caso o parentesco batismal. A existência de algum tipo de vínculo fomentava o surgimento de novos laços de solidariedade e obrigações. Nas comunidades camponesas, tanto a paróquia quanto as confrarias podiam ser administradas por um tipo de configuração parental, caracterizando, dessa maneira, um modelo de estrutura política de eficácia local (GRENDI, 1993). A presença do pároco a frente da associação dos "operários italianos de Silveira Martins" demonstra a ligação entre as esferas sagrada, assistencial e política que se estruturaram a partir de uma área de pertencimento comum.

Entende-se que o papel do padre Sório foi fundamental na constituição de coesões entre os imigrantes italianos, principalmente enquanto estratégia para fazer circular recursos e apoios, incentivando também a promoção de festividades e comemorações que mantinham

vivas a ligação do grupo com a pátria de origem. Além disso, o pároco passou a desempenhar o papel de mediador entre os imigrantes e os poderes externos. Neste jogo, favorecia a presença dos poderes municipais na sede da ex-Colônia, ou o inverso, comunicando as demandas locais às autoridades exteriores. Tornou-se, desse modo, importante ao propiciar a ligação entre a família, a comunidade e o mundo exterior, agindo como mediador no âmbito social, político e econômico (GRENDI, 1993). Antônio Sório apostou na intermediação com o mundo exterior, entre as famílias de imigrantes e as instituições do Estado. Tornou-se, assim, uma espécie de líder local, "prefeito da aldeia", ocupando o posto de mediador tanto no campo político quanto no econômico e no cultural, encaminhando as demandas locais e cuidando para que algumas leis fossem seguidas pela população. Tal posição ocupada pelo pároco se tornou uma das estratégias principais na política cotidiana de ampliação de poder local. Logo que se estabeleceu na comunidade de Silveira Martins, Sório procurou alargar seu campo de atuação, não se restringindo às questões relacionadas à administração dos bens da Igreja ou a certas demandas que a função de pároco exigia.

Apesar do sucesso das escolhas até então tomadas por Antônio Sório na região colonial, em agosto de 1899 o mesmo expõem suas angústias e a presença de oposições na paróquia. Em carta enviada a um colega de batina, o sacerdote comunica o drama que estava vivendo. Primeiramente, afirmou concordar com a máxima que era repetida por um padre amigo seu: "estou realmente sentindo como é quando os *sacos tocam os calcanhares*". Aqui, Sório utiliza uma metáfora para demonstrar que se encontrava numa situação desagradável frente a determinados eventos que não revela. Segue questionando "se depois do mau tempo viria o sol", comprovando que não estava passando por um bom momento na vida. Por fim, demonstra receio: "caro amigo, andamos mal com este tempo ruim e com certos *ares que inspiram vingança*".[30]

É provavel que a atmosfera de vingança anunciada pelo pároco ligava-se a fatos específicos no qual estava envolvido, talvez com alguma pessoa, família ou grupo da comunidade. O desabafo do padre Sório parece um prenúncio do que viria a lhe acontecer nos últimos dias de dezembro de 1899, pois no dia 29 o mesmo foi encontrado numa das estradas da região colonial gravemente ferido no "baixo ventre". Este fato levou a população colonial a acreditar que o pároco havia sido vítima de uma emboscada (SCHWINN, caderno a, p. 14).

[30] Carta de Antônio Sório, 20 de agosto de 1899. Caixa família Sório. CPG-NP.

Encontrado por um agricultor, Antônio Sório estava "prostrado no solo", tendo assim permanecido por mais de dez horas até ser socorrido. Devido à gravidade das lesões, o transportaram até a casa paroquial numa cama de panos improvisada, suportando "dores cruelíssimas" durante três dias. Nesse intervalo de tempo, foi assistido pelo médico operador Dr. Victor Teltz,[31] que julgou o "caso perdido". A morte era inevitável.[32] No dia 3 de janeiro de 1900, às duas horas e trinta minutos da noite, faleceu uma das principais lideranças da Colônia Silveira Martins, constando no registro de óbito como causa da morte "queda do cavalo".[33] Porém, diferente explicação surgiu entre a população colonial sobre o motivo que provocou o falecimento do padre Sório.

Em suas memórias, o imigrante Andrea Pozzobon (1997, p. 178) afirmou que o padre Sório faleceu "devido a uma queda de cavalo ou, como dizem outros, a um verdadeiro assassinato". Destacou existir comentários locais que asseveravam que o paróco havia sido "vítima de uma armadilha". Apesar das suspeitas de emboscada existir entre a população colonial, o "caso nunca foi devidamente esclarecido". Essa versão ganha mais força frente ao desabafo realizado por Sório alguns meses antes da morte. Na carta acima mencionada, o pároco expõe o temor de ser alvo de vingança.[34] Porém, neste artigo não interessa explorarmos as versões surgidas em relação aos motivos da morte, mas, sim, o fim da trajetória de relativo sucesso de um padre imigrante.

O desrespeito a determinadas regras socias de convivência, ou ainda, o cometimento de transgressões que afrontavam as normas morais locais eram fatores que podiam prejuidicar até àquelas pessoas que ocupavam posições de destaque nas comunidades coloniais, como ocorreu com Antônio Sório. Acredito que, independentemente das ações dos indivíduos resultarem em escolhas bem sucedidas ou não, todas devem ser estudas, pois permitem alcançar uma determinada realidade social e cultural que, talvez, não seria possível caso não fossem analisadas. As iniciativas e os comportamentos rejeitados e condenados também devem fazer parte das análises.

---

[31] O médico Vitor Teltz era especialista em "moléstias sifilítias e das vias urinárias", conforme anúncios publicados no jornal O Combatente, entre os anos de 1899-1901. Arquivo Casa de Memória Edmundo Cardoso - ACMEC, Santa Maria.

[32] Jornal O Combatente, 11 de janeiro de 1900. Arquivo Casa de Memória Edmundo Cardoso - ACMEC, Santa Maria.

[33] Livro de registros de óbitos do Cartório Cível de Silveira Martins (RS), 3 de janeiro de 1900, folha 140 (verso), nº 1202.

[34] As diferentes versões surgidas sobre a morte do padre Sório, bem como a análise das possibilidades, podem ser conferidas nos seguintes trabalhos: VESCIO, 2001; VENDRAME, 2013.

**Considerações finais**

No presente artigo, vimos que Paulo Bortoluzzi articulou a viagem para o sul do Brasil de um amplo grupo de imigrantes, demonstrando de tal modo o protagonismo destes no processo de transferência para a América. Na base desse tipo de mobilidade, teve papel relevante as escolhas, estratégias – familiares e individuais – e os vínculos sociais que fomentaram e organizaram os deslocamentos. As redes de relações se tornam tramas de incentivo, apoio e proteção no local de partida e do de acolhida, favorecendo a constituição de novas comunidades nos núcleos de destino, bem como o sucesso das investidas de sujeitos como o camponês Bortoluzzi. Este, no campo econômico, passou a atuar como mediador ao favorecer a participação dos conterrâneos no mercado da terra. Desse modo, ampliou o número de fregueses entre a população colonial, concretizando, em parte, o projeto pessoal de se tornar chefe de uma colônia do outro lado do Atlântico.

Tanto Paulo Bortoluzzi como Antônio Sório se tornaram lideranças de grande prestígio na região da ex-Colônia Silveira Martins, atuando como interlocutores entre a população as esferas externas. O primeiro investiu na acumulação de bens materiais e na intensa participação como mediador no mercado da terra, ao contrário do padre Sório que viu na pia batismal meio eficiente para assegurar o acesso a recursos materiais e simbólicos. Por meio dos vínculos firmados pelo batismo, reforçou alianças entre os indivíduos e orientou ações nas diferentes esferas da vida social e econômica. Ao se tornar pároco da Sede, Antônio Sório atuou em diferentes instâncias para obter apoio e legitimidade política, optando por mecanismos que lhes permitissem manter o controle sobre a vida religiosa e social no território que compreendia a paróquia. Os indivíduos que faziam parte das elites camponesas locais foram protagonistas de ações que permitiram a formação de instituições agregativas, fundando, assim, um campo de direito, um espaço da vivência de rituais e de devoções.

As experiências concretas ajudam a pensar de que forma a existência de redes de relações, contatos entre as pessoas que se encontravam em ambos os lados do oceano, influenciaram na decisão de abandonar a península itálica e no modo de organizar as transferências. E, além disso, como os vínculos interpessoais, criados e constantemente renovados, contribuíram para favorecer a inserção, adaptação e construção de uma trajetória de relativo sucesso na sociedade de acolhida. Ao acompanharmos a trajetória de um ou mais indivíduos é possível encontrar indicações variadas para estabelecer linhas mais complexas

sobre os motivos que levaram os emigrantes a saírem da Itália e rumarem ao sul da América nas últimas décadas do século XIX.

**Referências Bibliográficas:**

BEVILACQUA, Piero. "Società rurale e emigrazione". In: BEVILACQUA, P.; DE CLEMENTI, A.; FRANZINA, E. (a cura di). **Storia dell'emigrazione italiana**: partenze. Roma: Donzelli Editore, 2001.

BONFADA, Genésio. **Os palotinos no Rio Grande do Sul**. Santa Maria: Editora Pallotti, 1991.

CASARIN, Francesca Meneghetti. **Treviso-Genova, andata e ritorno:** Gli albori dell'emigrazione transoceanica e l'inchiesta dell'Ateneo di Treviso (1876-1878). Treviso: Fondazione Benetton, editrice il Cardo, 1990.

CERETTA, Antônio. **História do Vale Vêneto (1877-1886).** 1894, Caixa 4, Missão Brasileira, Arquivo Histórico Nossa Senhora Conquistadora, Santa Maria.

GRENDI, Edoardo. **Il Cervo e la republica.** Il modello lìgure di antico regime. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1993.

LEVI, Giovanni. "Immigrazione e doppio lavoro lungo il corso della vita: alcune osservazioni sul Piemonte dell'ottocento". In: **Annali Alcide Cervi**, 11, 1989.

_____. **Centro e periferia di uno stato assoluto:** tre saggi su Piemonte e Liguria in etá moderna. Turin: Rosemberg & Seller, 1985.

IOTTI, Luiza Horn. **Imigração e poder:** a palavra oficial sobre os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (1875-1914). Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

POZZOBON, Zolá Franco. **Uma odisseia na América**. Caxias do Sul: EUCS, 1997.

RAMELLA, Franco. "Gli studi sull' emigrazione tra vecchi paradigmi e nuove prospettive". In: SAIJA, M. (a cura di) **L' emigrazione italiana transoceânica tra Otto e novecento e la storia delle comunitá derivate.** Atti del Covegno Internazionale di Studi. Salina 1-6, guigno 1999. V. I – II. Messina: Edizione TRISFORM, 2003.

RIGHI, José V: BISOGNIN, Edir L.: TORRI, VALMOR. **Povoadores da Quarta Colônia**. Porto Alegre: EST, 2001.

VENÂNCIO, Renato Pinto. "Redes de compadrio em Vila Rica: um estudo de caso". In: OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho (org.). **Exercícios de micro-história**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

VENDRAME, Maíra. **"Lá éramos servos, aqui somos senhores"**: a organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins (1877-1914). Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

_____. **Ares de vingança**: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre os imigrantes italianos no sul do Brasil (1878-1910). Tese (doutorado em história) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, 2013.

VÉSCIO, Luiz E. **O crime do Padre Sório**: Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1893-1925). Porte Alegre: Editora da UFRGS; Santa Maria: UFSM, 2001.

XAVIER, Angela; HESPANHA, Antonio Manuel. "As redes clientelares". In: HESPANHA, Antonio Manuel (Coord.). **História de Portugal – Antigo Regime**. V.4. Lisboa: Editoral Estampa, 1993, p. 381-394.